

RECENSÃO

Portugal: um território em mutação

Géographie, Économie, Société: Avril-Juin 2003, N.º2, Volume 5

A revista trimestral “*Géographie, Économie, Société*”, de que é director George Benko, dedica o seu n.º 2 de 2003 a Portugal. Trata-se de uma revista - segundo se lê na própria contra-capa - que pretende dar “*uma contribuição original no domínio da economia geográfica, do ordenamento do território e, de forma mais ampla, pretende contribuir para o progresso das ciências sociais*”.

Assim, este número sobre Portugal privilegia temas ligados à geografia socioeconómica, isto é, às actividades económicas integradas nos respectivos contextos sociais. São disso exemplo a iniciativa empresarial em zonas rurais, a imigração, a dinâmica comercial, a responsabilidade ambiental, o investimento directo estrangeiro ou as indústrias culturais. Alguns destes temas são inovadores e até agora pouco (ou nada) tratados pela Geografia portuguesa.

Na sua quase totalidade, os autores dos diferentes artigos são professores (ou ex-professores) da Universidade de Letras de Lisboa: Jorge Gaspar, Lucinda Fonseca, Jorge Malheiros, Teresa Barata Salgueiro, João Ferrão, Mário Vale, entre outros.

Da leitura das diversas contribuições sobressai como ideia-força, que prespassa todo o número da revista, como Portugal tem sido sujeito e objecto de permanentes e profundas mudanças ao longo dos últimos trinta anos. Um bom título para este número seria, parafraseando o jornalista John Reed que testemunhou a Revolução de Outubro de 1917, “trinta anos que abalaram Portugal”.

Desde logo, a leitura de abertura do texto de Jorge Gaspar lembra-nos a dimensão das mudanças verificadas: “*La disparition des colonies et sa conséquence logique, l’intégration à la Communauté européenne, laquelle se produisit en même temps que celle de l’Espagne en 1986, viennent non seulement affirmer la transformation de la nature de la frontière maritime qui perd son élasticité par manque de justification économique, mais aussi changer profondément la frontière terrestre, jusqu’à sa quasi-abolition en tant que frontière économique et politique.*”

Também a questão da “nova” vaga de imigração vinda do Leste europeu e suas consequências sobre o mercado de trabalho, tratada por Lucinda Fonseca e Jorge Malheiros, aborda um tema que, como sublinham os autores, fez multiplicar por 2,4 o número de estrangeiros que legalmente trabalham em Portugal.

Como é sabido, a dinâmica comercial e consequente reestruturação do emprego do sector constitui uma das características mais visíveis do “Portugal moderno”. Teresa Barata Salgueiro e Herculano Cachinho identificam e classificam os vários tipos de estratégias empresariais de modernização, lembrando no entanto que uma fatia muito significativa dos comerciantes gerem os seus estabelecimentos de forma rotineira e passiva. O velho Portugal continua a resistir galhardamente debaixo da capa de modernidade...

A conclusões semelhantes, cada um na sua área de investigação, chegam os dois artigos sobre capacidade empresarial em zonas rurais e sobre responsabilidade ambiental das empresas de Águeda.

João Ferrão e Raul Lopes apresentam os resultados de um projecto comunitário sobre o papel do empreendedorismo nas periferias rurais europeias para duas zonas em Portugal (Bombarral/Cadaval e margem esquerda do Guadiana). Os autores evidenciam os sinais de crescente espírito empreendedor e “*risk lover*”, sem esquecer a persistência das lógicas familiares: mais de 2/3 dos empresários daquelas duas zonas justificam a sua opção profissional pelo facto de terem nascido na região, por razões familiares ou pela prévia existência da empresa, em geral associada a uma situação de herança.

Também Margarida Queirós apresenta os resultados de dois projectos de investigação europeus, analisando a forma como as empresas do sistema produtivo local de Águeda estão a reagir às crescentes exigências que lhes vêm sendo impostas em matéria ambiental. Para a autora o desenvolvimento sustentável (não só em Águeda, mas também noutras zonas de forte concentração industrial como, por exemplo, o Vale do Ave) passa, antes de mais, por parcerias público-privado, que poderão ser estimuladas graças a políticas de apoio ao financiamento da gestão ambiental.

O investimento da Autoeuropa foi um acontecimento maior no processo de desenvolvimento português, não só pelos montantes envolvidos como pelos impactos na estrutura produtiva e de exportação nacionais. Mário Vale – coordenador do número – estuda o encastramento (*embeddedness*) da empresa na Península de Setúbal, à luz das recentes teorias sobre o papel do investimento estrangeiro no desenvolvimento regional (Porter, Grabher, Pike). Identifica os pontos fortes deste projecto, sem escamotear algumas das suas debilidades: excessiva dependência dos fornecedores, fracos sintomas de uma verdadeira estratégia de encastramento, insuficiente formação profissional (em especial, face ao previsto inicialmente).

Last, but not the least, Eduardo Brito Henriques evidencia a crescente importância económica das indústrias culturais em geral e, em particular, na AML. Se é

certo que o autor detecta uma clara concentração deste tipo de actividades no concelho de Lisboa, é também possível identificar tendências descentralizadoras com o desenvolvimento de diferentes especializações nas áreas periféricas.

De especial interesse prático para o leitor francófono (e não só) é a secção “Compléments de lecture” que termina o texto de Jorge Gaspar. Um verdadeiro “Who’s who” da geografia portuguesa contemporânea. Só é pena que se omitam as contribuições de escolas como as da Universidade Nova de Lisboa.

Regina Salvador